



## FAHRENHEIT 451

a partir do romance de **Ray Bradbury**  
uma produção *teatromosca*

### QUEIMAR É UM PRAZER!

Escrevia eu, em 2013, por altura da estreia da nossa adaptação para o palco do monstruoso clássico de Herman Melville, que amava os atores, que adorava vê-los nos ensaios... Um amigo leu aquela folha de sala e desabafou que reconhecia aquela conversa como sendo de um outro encenador, homem bem mais experiente do que eu, de outra geração – a referência era tão óbvia que até vinha nomeada na mesma folha de sala. Esse meu amigo parecia algo confundido com o que tinha lido... Algo perturbado também com o espetáculo a que tinha acabado de assistir. Dois anos mais tarde, após uma apresentação do mesmo «Moby-Dick» no Festival de Teatro de Setúbal, uma reconhecida atriz estava em acesa discussão com o ator de «Moby-Dick», Pedro Mendes. Aproximei-me e as primeiras palavras que lhe saíram da boca, numa fúria desmedida, foram que eu não gostava de atores. Também não gostava dos espetadores, dizia ela, porque devia ter feito uma adaptação do texto do Melville condensada em uma hora ou menos. Compreendo-a...

Encerramos agora esta trilogia que dizemos que se dedica à literatura norte-americana e eu reafirmo que admiro os atores mas também os temo. Confesso que não consigo aguentar-me durante muito tempo em silêncio quando alguém se desfaz em elogios desmedidos sobre o trabalho de um ator (ou mesmo sobre todo o elenco) de um determinado espetáculo, como se aquele(s) ser(es) humano(s) fosse(m) capaz(es) de transportar aos ombros toda a carga de um espetáculo. Acredito ainda no trabalho colaborativo e fujo a sete pés de qualquer conversa que procure colocar os atores ao nível de Amon ou Zeus.

No entanto, sinto um enorme fascínio ao ver um ator em chamas, numa sala de ensaios ou já no palco diante do público num espetáculo. É, sem dúvida alguma, uma visão monstruosa, quando um ator se deixa incendiar e permite que as chamas o consumam ali à nossa frente e o vemos lutar contra o fogo que o pretende reduzir a cinzas e pó. Cada vez mais, nos processos criativos que tenho vindo a dirigir no *teatromosca*, procuro lançar querosene para o palco, tirar os atores daquilo a que chamamos a sua «zona de conforto» – local ignífugo que, na verdade, vejo cada vez mais claramente como inimigo natural do fazer teatral -, e peço-lhes que se queimem, que experimentem a sensação suicidária de se encharcarem em querosene e de se lançarem, sem medos e sem freios, para dentro de uma pira funerária. Mas, uma vez lá no meio, é preciso saber arder, lentamente, para que tudo não seja apenas um lindo fogo-de-artifício. Ocasionalmente, tenho o privilégio de assistir ao trabalho de atores que se transformam em belos cometas em chamas a rasgar o espaço negro de uma sala de espetáculos.

Lembro-me bem de ter dito, por mais do que uma vez, ao Pedro Mendes (o Ahab, o Starbuck, o Ismael, a Baleia... do nosso «Moby-Dick») que ele teria que arder e teria que controlar o belo fogo em que se iria tornar ao longo do espetáculo, deixando que cada frase, cada palavra do texto de Melville ecoasse lentamente dentro de si, dentro da lareira que seria a sua boca, a cuspir faíscas, como o ferro em brasa que, serenamente, o velho Perth martelava a bordo do Pequod. Se o Pedro também é/foi o velho Perth a martelar o ferro duro que é o monumental «Moby-Dick» de Melville e a não menos monumental adaptação que o Tiago Patrício me entregou generosamente, as primeiras vezes que o Pedro ergueu o martelo no ar, em frente do público, hesitou, duvidou, tremeu, foi humano. Sobreviveu à primeira caçada. Haveria outras batalhas. Deixou-se queimar novamente. Foi-se expondo cada vez mais ao fogo. Até que, por fim, num dia, passou para lá da queimadura. Foi um espetáculo magnífico. E estava por lá o Ruben Jacinto, ao seu lado, a deitar chamas pela campânula do seu clarinete, como um animal mitológico. Um fogo que tinha sido ateadado e que era alimentado por muitos e que tinha o Pedro e o Ruben no centro, porque nos emprestavam a carne, os ossos e o oxigénio.

O mesmo fogo ardia na nossa adaptação do romance de William Faulkner que produzimos em 2014. Em «O Som e a Fúria», havia muito mais combustível, havia também mais fontes de ignição – o texto, os atores, a música, as luzes, a dança... – e tentávamos brincar com o fogo de forma cada vez mais consciente. Eu sabia bem que meter as mãos na lareira sulista do Faulkner não seria uma brincadeira fácil, que podia queimar-me a valer, que poderia ficar reduzido a cinzas num ápice, que a proposta que eu tinha lançado para cima da mesa não daria origem a um projeto de digestão fácil. Mas, que raio, desde o início eu tinha dito que isto seria uma trilogia *kamikaze*, que pouco me interessava se, no final, ficaria alguma coisa de pé

ou não! Tinha os meus propósitos, sabia que caminhos poderíamos seguir, mas o fim poderia não ser uma limpeza. Mas teríamos que ir tomando consciência, no percurso, do que se levantava à nossa frente, no que estávamos a erguer, e também do que ia caindo entretanto, do que íamos derrubando, as quedas que dávamos, o fosso que escavávamos. Teríamos, necessariamente, que levar mais alguém connosco, para dentro desse abismo. Não poderiam ser só os corpos do Filipe, da Inês, do João, da Catarina, do Chama, da Margarida, do Jacinto, a cair no escuro. Com o texto do Faulkner, teríamos que produzir uma máquina capaz de sugar tudo e todos para dentro do seu ventre. Ninguém poderia ficar, passivamente, a assistir a tudo aquilo. A festa ia-se fazendo, com uma pausa aqui e ali ao início. A fornalha ia sendo alimentada vagarosamente, um monólogo de cada vez, até não haver outro modo de terminar senão com todos a carregarem baldes de gasolina para o meio do incêndio.

E, agora, diz-nos Granger, o homem-livro no meio da floresta criada de forma tão pueril e tão bela pelo Ray Bradbury, que o ser humano não tem feito mais nada a não ser imitar a Fénix que insiste em criar uma pira funerária e, uma vez e outra, lançar-se para o meio do fogo. O Granger (o Bradbury, enfim) tem esperança que o ser humano possa aprender com os erros do passado e que possa deixar de se lançar na fogueira que constrói. Tem esperança até que ele deixe de construir piras funerárias. Eu não tenho essa esperança. Infelizmente, eu não consigo ir à floresta colher troncos para alimentar essa alegre fogueirinha. Não é isso que vejo. Também não é isso que construo. Acredito que haja quem tenha essa esperança e que trabalhe arduamente para alimentar esse fogo apaziguador, que não queima, aquece. Mas não foi isso que vi nos últimos anos, em que nos vejo – eu a arder bem lá no centro, claro – a gastar as retinas colados aos ecrãs negros, em que nos vejo a consumir barato e rápido, em que ouço todos a dizer que o teatro tem que ter apenas quinze minutos, que um livro não poder ter mais do que uma centena de páginas, que uma música não pode durar mais do que quatro minutos, que não podemos dizer a puta de merda de um caralho de um palavrão, que temos todos que ser higiénicos, fortes e atléticos e não podemos matar moscas e mosquitos porque eles também são gente e que não devemos dizer aos outros o que realmente pensamos e que os terroristas também são gente e que nós não somos terroristas e que amar o próximo é que é bom e que o trabalho de um ator (e uma atriz, também, evidentemente) é uma coisa excepcional, mas que não vale a pena dar-lhe boas condições de trabalho e que ele (ou ela) pode muito bem criar na miséria, e que os textos clássicos é que são bons e que o teatro e a literatura já têm uma relação ancestral, que já é coisa batida, que nada disso está na moda, que talvez seja *fashion* se dissermos que é uma cena *vintage* ou *retro*... Bom! Lança-chamas nas mãos. Apontar! Disparar!

A verdade é que já há muito que queria adaptar para o palco um texto de ficção científica. A recusa, por parte dos agentes do Cormac McCarthy, em cederem-nos os direitos para a adaptação do «Meridiano de Sangue», anteciparam a concretização desse desejo. E este era o texto certo para fechar a trilogia que é tanto sobre os Estados Unidos da América ou sobre a ruína da nossa civilização, como sobre o trabalho dos atores. Querida Rute e querido Filipe, esta é uma trilogia sobre vocês e o trabalho que vocês escolheram realizar diariamente. É uma trilogia sobre a dificuldade de um ator em lidar com as palavras, com as pontes que essas palavras tentam criar entre um universo tão complexo e tão distante – o de um autor – e o vosso – que o tentarão agora tornar presente. Esta é uma trilogia sobre homens e mulheres que se lançam à aventura no mar imenso à procura de uma baleia, à procura de outras figuras, que se lançam na odisseia do travestimento, da transfiguração, da manipulação, do fingimento. Este é um projeto sobre um pequeno espaço onde se pode construir um universo fascinante de pequenos seres imaginários que podem ser injetados de novo soro e que podem falar, falar, falar, como incríveis máquinas de projeção de imagens. Estes são espetáculos onde os atores devem queimar tudo, onde deverão, sem cerimónias, conscientemente, deixar-se devorar pelas chamas. Temos os lança-chamas nas mãos. Sabemos bem o que temos que fazer. É só dar uma leve pancada no pequeno objeto de ignição que temos nas mãos e deixar espalhar o querosene por toda a sala, a lamber as paredes, as cadeiras, as cabeças do público, os meus computadores, as consolas de luz do Arroja e do Moreira, as telas do Silva, as câmaras da Catarina e do Ricardo, a pena do Alex, o caderninho da Inês, os post-its da Maria, o facebook do Mário, tudo a arder!

Haverá, certamente, forma de aliviar a jornada e de tornar mais suportável a queimadura. Mas não sei bem o que vos diga. Nem sei se deva dizer mais alguma coisa... Queimar é um prazer!